PSE5864 – Aprendizagem Social: Uma abordagem evolucionista

Bruna Rezende Malta de Sá – 9303612

Questionamentos sobre o texto ***Shared child care may be the secret of human evolutionary success.***de Sarah Hrdy, 2009.

No geral, achei a leitura muito interessante, gosto muito de textos sobre a evolução da sociabilidade humana. Gostei da introdução ao termo “intersubjetividade”, que eu não conhecia, utilizado para se referir à chamada teoria da mente. Entretanto, fiquei um pouco incomodada com a forma com que a argumentação foi construída, principalmente no início do texto quando a autora traz comparações entre humanos e chimpanzés.

*“Imagine what would happen if one were traveling with a planeload of chimpanzees. We would be lucky to disembark with all our fingers, testicles, and toes attached, and with the baby still breathing and unmaimed. But human passengers fill some 2 billion airline seats every year and submit to being compressed and manhandled, with no dismemberments reported yet!”*

Por mais que eu entenda o que está sendo dito, acho que essa forma de argumentação acaba colocando uma divisão entre humanos e não-humanos no sentido de reforçar que humanos são superiores por serem mais civilizados, enquanto chimpanzés são selvagens. Não daria certo colocar chimpanzés num avião não por conta da ausência de teoria da mente ou da incapacidade de cooperar, mas porque não faria sentido algum.

*“why didn’t selection favor even greater and more Machiavellian intelligence, better mind reading, and better capacities to cooperate against hostile neighbors among the ancestors of today’s chimpanzees? Chimpanzees are competitive, dominance-oriented, aggressive, and reflexively xenophobic: wouldn’t they have benefited just as much, or more, from being able to cooperate to wipe out competing groups?*

No trecho acima por exemplo, fiquei pensando nos bonobos, grupo irmão dos chimpanzés que, ao contrário dos chimpanzés, são conhecidos pela cooperação entre integrantes do mesmo grupo e pela conciliação de conflitos. Assim, fiquei sentindo que houve uma certa implicância com os chimpanzés para ressaltar o argumento de como os humanos são excepecionalmente cooperativos. Acho que esse contraste poderia ter sido construído de outra forma, sem parecer que os chimpanzés são “selvagens” e incapazes de cooperar. Por mais que de fato sejam animais agressivos e com elevados conflitos intragrupo, é difícil avaliarmos tais conflitos tendo como base as normas sociais humanas.

*“In my view, cooperative breeding (as sociobiologists term the reproductive strategy in which alloparents help both care for and provision young) came before big brains.” bigger brains required care more than caring required big brains.”*

Esse trecho me lembrou de um artigo que gosto muito e que já citei outras vezes, chamado ***Growing a social brain*** de Shir Atzil, Wei Gao, Isaac Fradkin e Lisa Barret. Atzil et al. (2018) propuseram que o comportamento social nos animais não deriva necessariamente de aspectos evolutivos que moldaram o cérebro e as estruturas neurais ao padrão de comportamento social, mas que a interdependência entre indivíduos dessas espécies evoluiu de modo a direcionar o desenvolvimento ontogenético num sentido de reforçar a socialização. Entre as evidências apontadas pelos pesquisadores estão a maleabilidade do cérebro jovem, a sensibilidade desse órgão a estímulos externos, bem como a formação das redes associadas à socialização que não são identificáveis em cérebros de neonatos, consolidando-se ao longo da vida. Ou seja, de fato, primeiro não viria o “cérebro social”, mas o “cérebro social” emerge da vida social e é mantido por ela.

Resumo do texto ***Cooperation and human cognition: the Vygotskian intelligence hypothesis. de*** *Moll, H., & Tomasello, M, 2007.*

Enquanto muitas hipóteses acerca de evolução da cognitiva dos primatas focam em aspectos de competição, Vygotsky apresentou evidências de que as habilidades cognitivas humanas são oriundas da interação com os indivíduos, artefatos ou símbolos, sendo difícil encontrar referência à competição no trabalho de Vygotsky. O presente artigo tem como objetivo apresentar mais evidências para a hipótese da inteligência Vygotskyana a partir da comparação entre primatas humanos e não-humanos. Os autores então se baseiam na definição de cooperação proposta por Bratman (1992), que define atividades cooperativas compartilhadas a partir de três critérios: (1) os participantes compartilham um objetivo em comum, pelo qual estão igualmente engajados. (2) os participantes da atividade assumem papéis complementares na tarefa com objetivo de atingir seus objetivos, e (3) os participantes são motivados e dispostos a ajudar o outro a cumprir seu papel se necessário. Contrastando com os achados em chimpanzés, crianças humanas de 18 a 24 meses não mostram apenas coordenação de ações em tarefas específicas, mas também engajam em jogos sociais estimulando seus parceiros sociais a permanecerem engajados na atividade proposta. Em tarefas comunicativas, estudos também apontam que chimpanzés se comunicam de maneira individualista. Crianças humanas, por outro lado se comunicam cooperativamente, compartilhando interesses e informando seus companheiros sobre aspectos importantes da tarefa. Essa comunicação cooperativa parece estar presente a partir dos 12 meses de idade, antes mesmo do desenvolvimento da linguagem, evidenciando a forte tendência à cooperação por parte das crianças humanas. Os autores então afirmam que crianças humanas no segundo ano de vida são muito mais habilidosas e motivadas em comparação aos chimpanzés a engajar na solução de problemas e comunicação cooperativa. Os autores afirmam que, ao longo da história evolutiva dos humanos, os indivíduos foram se tornando cada vez mais cooperativos, culminando nas habilidades cognitivas que temos hoje. Além disso, os autores reforçam que engajar em atividades cooperativas é capaz de transformar as habilidades cognitivas das crianças, reforçando a importância destas atividades para o desenvolvimento.